

Resolução de Conjuntura Estadual

7ª Congresso Nacional do PSOL – Etapa Estadual São Paulo

Em relação conjuntura estadual, o congresso estadual do PSOL/SP resolve:

1. A extrema-direita que chegou ao poder em 2018 contou com o apoio explícito das forças neoliberais. Em São Paulo, o BolsoDoria é a síntese desta união. O governo de João Doria e do PSDB expressa tanto um projeto de antipolítica, reivindicando uma estética de renovação em torno da figura de empresário e gestor, quanto um programa de governo radicalizado à direita, com sua gestão marcada pelo aumento dos índices de violência policial e encarceramento da população negra e periférica, pela extinção da política de amparo às mulheres e pelo reforço da terceirização dos serviços públicos, em especial nas áreas da saúde e infraestrutura.

2. A título de comparação, o estado de São Paulo tinha, em 2013, cerca de 447 mil funcionários públicos na administração pública direta. Este número caiu para 398 mil em 2019. Uma queda de 10%.

3. A educação pública sofre um dos maiores ataques em décadas durante a pandemia. O governo Doria está impondo mudanças curriculares, destruindo os conteúdos historicamente construídos e impondo o modelo de escola cívico militar, que ataca a democracia tão necessária para o aprendizado. Vem promovendo contratos milionários com a iniciativa privada, como plataformas digitais, editoras e ONGs e implementando um modelo de escola integral que ataca direitos históricos dos professores e professoras, além dos cursos técnicos precarizados. A imposição do retorno presencial das aulas, em meio ao descontrole da pandemia, sem garantias sanitárias, colocou em risco a vida de todos os membros da comunidade escolar. É preciso defender o direito à educação de qualidade aos filhos e filhas da classe trabalhadora e barrar imediatamente as políticas neoliberais, privatizantes, precarizantes e meritocráticas.

4. Doria caminha em sincronia com Bolsonaro e Paulo Guedes em matéria de retrocessos sociais, aprovando na ALESP um projeto de reforma da previdência dos servidores estaduais que aumenta a idade mínima para a aposentadoria e eleva de 11% para 16% o recolhimento em folha por parte das trabalhadoras e dos trabalhadores públicos.

5. Nada disso é por acaso. A política de Doria para o estado de São Paulo é a expressão do “neoliberalismo 2.0” que assola o mundo inteiro, promovendo a precarização total do trabalho formal, em especial do setor industrial, com uma massiva mecanização dos processos fabris e de serviços. A sanha privatista dirigida contra o Metrô de São Paulo, somada às práticas autoritárias e anti-sindicais, como a tentativa de vender a sede do Sindicato dos Metroviários, são expressões desse projeto de retrocessos.

6. Doria nunca escondeu suas pretensões eleitorais de ser alçado à Presidência da República depois de abandonar a Prefeitura de São Paulo para ocupar o Palácio dos

Bandeirantes. Por isso, viu na pandemia uma possibilidade para se diferenciar do governo Bolsonaro, que ajudou a eleger, e se apresentar como uma alternativa mais viável à direita. Disputam o mesmo eleitorado e somente por isto travam a guerra pública. Rompendo a fina superfície, defendem o mesmo projeto de sociedade. É por isto que a resposta de ambos à crise também é aprofundar as políticas neoliberais.

7. Desde o início da pandemia, Doria tenta conciliar o inconciliável: aparentemente adotou medidas sanitárias de contenção do vírus e prevenção da doença, enquanto manteve as necessidades de lucro do empresariado paulista e nacional como prioridade.

8. Mesmo as políticas de renda aos setores mais vulneráveis foram extremamente insuficientes. Sem medidas efetivas, o direito ao isolamento social foi inviabilizado. Além disso, somente a Região Metropolitana de São Paulo registrou 28 despejos, que afetaram 2.726 famílias, deixando milhares de pessoas extremamente expostas à contaminação pelo vírus.

9. Importante destacar que a construção de articulações entre o governo Doria junto com os municípios paulistas nunca foi realizada. Novamente, o modelo tucano de fazer saúde pública, passando longe de pactuações e apoio à expansão do SUS nos municípios, foi mantido. Com a escassez de leitos de UTI em várias regiões do estado de São Paulo, o governo Dória demorou em apoiar financeiramente os municípios paulistas a abrirem leitos de UTI que pudessem cobrir as necessidades locais e regionais; quando o fez, articulou a expansão de leitos de UTI em hospitais estaduais através da ampliação temporária de contratos de gestão ou convênios com as conhecidas Organizações Sociais de Saúde, as OSs.

10. Neste caminho, o governo Doria não avançou para a expansão do SUS e da rede de saúde necessária ao enfrentamento da pandemia, apenas garantiu, em partes e temporariamente, que leitos de UTI fossem abertos em municípios e regiões que precisavam. O que se viu, e que ainda se mantém, é uma explosão nos gastos públicos com saúde dos municípios paulistas, que sem apoio e ajuda na coordenação das regiões, buscam soluções isoladas para suportar a demanda ocasionada pela pandemia.

11. Doria continua alinhado com grandes empresários paulistas para que haja a “manutenção da economia”, para que ela não pare. Mas, ao mesmo tempo, seu governo não amplia os auxílios às famílias (trabalhadoras, trabalhadores e pequenos comerciantes) para que possam se manter minimamente em casa e evitar a disseminação do vírus. Obviamente, prefeitos e prefeitas embalsamaram nesse caminho do governo Doria, através do Plano São Paulo, e promoveram o mesmo movimento de vai-e-vem da abertura do comércio. Por detrás desse interesse junto ao grande empresariado esteve e estão os compromissos realizados durante o financiamento das campanhas eleitorais.

12. O referido alinhamento ao grande capital também se expressa na política para o agronegócio. O latifúndio se expande no estado ao mesmo tempo que se amplia a devastação da Mata Atlântica e das comunidades tradicionais indígenas, quilombolas, caiçaras e ribeirinhas.

13. Alguns estudos, como os do Instituto Pólis, demonstram que características socioeconômicas como território de residência em raça-cor são determinantes na mortalidade na capital. Há de se supor, inclusive com base nos conhecimentos já consolidados sobre determinantes de saúde e o processo saúde-doença, que tais características também sejam de extrema relevância no estado. Infelizmente, falta transparência e disposição do governo do estado em divulgar e realizar análises mais acuradas sobre a pandemia e suas características no estado.

14. O mesmo Doria que se vangloria pelos êxitos do Instituto Butantan na produção das vacinas Coronavac e da Butanvac defendeu a privatização do órgão e propôs o corte de investimentos públicos em ciência, precarizando universidades, laboratórios e institutos de pesquisa estaduais, como a FAPESP.

15. Mas ao se desvencilhar de seu então aliado, Doria passou a enfrentar também a base mais fanática e radical do bolsonarismo, sofrendo com a oposição tanto à esquerda quanto da extrema-direita e sustentando seu governo através de acordos com a base da ALESP e com oligarquias regionais, com uma base social cada vez mais restrita.

16. Isso pode significar uma brecha para atuação das forças de esquerda no estado. O acúmulo de capital político de Guilherme Boulos e do PSOL na última eleição municipal lança as bases para uma inserção mais ampla do nosso partido junto à população. A tarefa, mais que urgente, é avançar na conexão com o povo de todo o estado de São Paulo, o que só será possível reforçando a construção de um PSOL popular e enraizado, alicerçado em um programa antiliberal e na defesa da unidade do campo progressista para derrotar Bolsonaro e Doria. Acreditamos que o PSOL ampliou sua autoridade e envergadura para protagonizar esse processo!

17. Nosso dever é enfrentar o governo através de todos os instrumentos de mobilização que possuímos, nas ruas e nas eleições, em torno de um programa de luta contra o projeto de desmonte de Doria e do PSDB. Seu governo não teve e não pode ter um minuto de trégua por parte do PSOL e dos partidos que lhe fazem oposição. Não queremos trocar o neofascismo assumido de Bolsonaro pela versão ultraliberal “limpinha” representada pelo governador de São Paulo. Essa é nossa tarefa que cumprimos até aqui e devemos intensificar!